

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

JUNHO DE 1865

Nº 6

Relatório da Caixa do Espiritismo

**APRESENTADO PELO SR. ALLAN KARDEC À SOCIEDADE
ESPÍRITA DE PARIS, EM 5 DE MAIO DE 1865**

Senhores e caros colegas,

Há algum tempo anunciei que vos daria novas explicações sobre a caixa do Espiritismo. O começo de um novo ano social naturalmente me oferece essa ocasião. Nesta exposição lamento ter de falar de mim, o que sempre faço o menos possível; mas nesta circunstância não me poderia esquivar, razão por que vos rogo, antecipadamente, que me desculpeis.

Lembrarei sumariamente o relatório que, sobre o mesmo assunto, eu vos submeti há dois anos.

No mês de fevereiro de 1860 foi posto à minha disposição um donativo de 10.000 francos para empregá-lo à vontade, no interesse do Espiritismo. Naquela época a Sociedade não tinha sede própria, resultando em graves inconvenientes. A extensão que começava a tomar a doutrina reclamava um local

especial reservado, não só para as sessões, mas para a recepção de visitantes, cada vez mais numerosos, tornando-se indispensável a presença permanente de alguém na própria sede da sociedade. Escolhi este local, que reunia as vantagens da conveniência e da posição central. Aliás, a escolha não foi fácil, considerando-se a necessidade de dependências apropriadas à sua destinação, aliada à excessiva carestia do aluguel. O preço de locação do imóvel, incluindo as contribuições, é de 2.930 francos. Não podendo a Sociedade suportar tal encargo e pagando apenas 1.200 francos, restavam 1.730 francos, aos quais se devia prover. Ao destinar o donativo feito, quer na compra do material, quer no pagamento do excedente do aluguel, não nos afastávamos das intenções do doador, pois o empregávamos no interesse da doutrina. Hoje se compreende perfeitamente quanto foi útil dispor deste centro, para onde convergem tantas relações e, além disso, quanto era necessário que eu tivesse uma pousada. Todavia – devo lembrar – não há para mim nenhuma vantagem em residir neste local, pois tenho outro apartamento, que nada me custa e onde me seria mais agradável morar, e isto com tanto mais razão quando essa dupla residência, longe de ser um alívio, é uma agravação de encargos, como logo demonstrarei.

Esta soma de 10.000 francos constituiu, pois, o primeiro fundo da caixa do Espiritismo, caixa que, como sabeis, é objeto de contabilidade especial e não se confunde com meus negócios pessoais. Esse fundo deveria bastar para completar, mais ou menos, o aluguel durante os seis anos do arrendamento, conforme conta detalhada que apresentei da última vez. Ora, o contrato expira dentro de um ano e a soma chega ao fim.

É verdade que o capital da caixa foi aumentado de várias quantias. Está assim constituído:

1º – Donativo de fevereiro de 1860	10.000 fr.
2º – Abono de empréstimo feito em época anterior no interesse do Espiritismo	600 fr.
3º – Donativo feito em 1862	500 fr.
4º – Outro donativo feito em setembro de 1864	1000 fr.
5º – Outro donativo feito em outubro de 1864	<u>2000 fr.</u>
Total	14.100 fr.

Tendo estas duas últimas quantias destino especial, na verdade só 11.100 francos estão reservados para o aluguel e não serão suficientes.

Mas o aluguel não é a única despesa que incumbe ao Espiritismo. Não me refiro às obras de beneficência, que são uma coisa à parte, da qual falaremos em breve. Abordo outro lado da questão, e é aqui que reclamo a vossa indulgência, pela necessidade em que estou de falar de mim.

Muito se falou do lucro que eu retirava de minhas obras. Seguramente, nenhuma pessoa séria acredita em meus milhões, a despeito da afirmação dos que diziam saber de boa fonte que eu levava uma vida principesca, tinha carruagens de quatro cavalos e que em minha casa eu só pisava em tapetes de Aubusson. Aliás, o que quer que tenha dito o autor da brochura que conheceis, provando, por cálculos hiperbólicos, que meu orçamento das receitas ultrapassa a lista civil do mais poderoso soberano da Europa (38 milhões, *Revista* de junho de 1862 e junho de 1863), o que, diga-se de passagem, testemunharia um desenvolvimento verdadeiramente miraculoso da doutrina, há um fato mais autêntico que esses cálculos: é que jamais pedi qualquer coisa a alguém, ninguém jamais me deu algo para mim pessoalmente; nenhuma coleta de *um centavo qualquer* veio prover

às minhas necessidades; numa palavra, *não vivo a expensas de ninguém*, porquanto, das somas que me foram voluntariamente confiadas no interesse do Espiritismo, nenhuma parcela foi desviada em meu proveito; contudo, é de ver-se a que cifras elas alcançam.

Minhas imensas riquezas proviriam, então, de minhas obras espíritas. Embora estas obras tenham tido um sucesso inesperado, basta ter um pouco de familiaridade com os negócios de livraria, para saber que não é com livros filosóficos que se amontoam milhões em cinco ou seis anos, quando sobre a venda só se tem o direito autoral de alguns centavos por exemplar. Mas, muito ou pouco, sendo esse produto o fruto do meu trabalho, ninguém tem o direito de intrometer-se no emprego que dele faço; ainda mesmo que se elevasse a milhões, ninguém tem nada a ver com isto, desde que a compra de livros, assim como a assinatura da *Revista*, é facultativa e não se impõe *em nenhuma circunstância*, nem mesmo para assistir às sessões da Sociedade. Falando comercialmente, estou na posição do todo homem que recolhe o fruto de seu trabalho; corro o risco de todo escritor, que tanto pode triunfar, quanto fracassar.

Mesmo não tendo, neste particular, nenhuma conta a prestar, creio útil à própria causa a que me devotei, dar algumas explicações.

Antes de mais, direi que minhas obras não são propriedade exclusiva minha, o que me obriga a comprá-las de meu editor e pagá-las como um livreiro, à exceção da *Revista*, da qual conservei os direitos; que o lucro se acha singularmente diminuído pelas dívidas incobráveis e pelas distribuições gratuitas, feitas no interesse da Doutrina, a pessoas que, sem isto, delas estariam privadas. Um cálculo muito fácil prova que o preço de dez volumes perdidos ou doados, que nem por isso deixo de pagar, é suficiente para absorver o lucro de cem volumes. Isto seja dito a título de

informação e entre parênteses. Somando tudo e feito o balanço, resta, contudo, alguma coisa. Imaginai a cifra que quiserdes; o que faço dela? Isto é o que mais preocupa certa gente.

Quem quer que outrora tenha visto o nosso interior e o veja hoje, pode atestar que nada mudou em nossa maneira de viver, desde que me ocupo de Espiritismo; é tão simples agora como o era antigamente, porque uma vida suntuosa não está nos nossos gostos. Então é certo que os meus lucros, por maiores que sejam, não servem para nos dar os prazeres do luxo. Não temos filhos, portanto não é para eles que economizamos; nossos herdeiros indiretos são, em sua maioria, mais ricos do que nós; seria ingenuidade que me esgotasse trabalhando para eles. Então teria eu a mania de entesourar para ter o prazer de contemplar meu dinheiro? Creio que meu caráter e meus hábitos jamais permitiriam que se fizesse tal suposição. Os que me atribuem semelhantes idéias conhecem muito pouco meus princípios em matéria de Espiritismo, já que me julgam tão apegado aos bens da Terra. O que pretendem? Desde que isto não me aproveita, quanto mais fabulosa for a soma, mais embaraçosa será a resposta. Um dia saberão a cifra exata, bem como o seu emprego detalhado, e os fazedores de histórias pouparão a imaginação; hoje eu me limito a alguns dados gerais para pôr um freio a suposições ridículas. Para tanto devo entrar nalguns detalhes íntimos, mas que são necessários, e para os quais vos peço perdão.

Sempre tivemos do que viver, muito modestamente é verdade, mas o que teria sido pouco para certa gente nos bastava, graças a nossos gostos e hábitos de ordem e economia. À nossa pequena renda vinha juntar-se, como suplemento, o produto das obras que publiquei antes do Espiritismo e o de um modesto emprego, que me vi forçado a deixar quando os trabalhos da Doutrina absorveram todo o meu tempo.

Na propriedade que possuo, e que me fica como saldo daquilo que a má-fé não me pôde arrancar, podíamos viver tranqüilamente e longe da agitação dos negócios. Tirando-me da obscuridade, o Espiritismo veio lançar-me em novo caminho; em pouco tempo vi-me arrastado num movimento que estava longe de prever. Quando concebi a idéia de *O Livro dos Espíritos*, minha intenção era não me pôr em evidência e ficar desconhecido; mas, prontamente ultrapassado, isto não me foi possível: tive de renunciar aos meus gostos de insulamento, sob pena de abdicar da obra empreendida e que crescia prodigiosamente; foi preciso seguir seu impulso e tomar-lhe as rédeas. Se meu nome tem agora alguma popularidade, seguramente não fui eu que o procurei, pois é notório que nem a devo à propaganda, nem à camaradagem da imprensa, e que jamais aproveitei de minha posição e de minhas relações para me lançar no mundo, quando isto me teria sido fácil. Mas, à medida que a obra crescia, um horizonte mais vasto se desdobrava à minha frente, recuando os seus limites; compreendi então a imensidão de minha tarefa e a importância do trabalho que me restava fazer para completá-la. Longe de me apavorarem, as dificuldades e os obstáculos redobram minha energia; vi o objetivo e resolvi atingi-lo com a assistência dos Espíritos bons. Sentia que não tinha tempo a perder e não o perdi nem em visitas inúteis, nem em cerimônias ociosas; foi a obra de minha vida: a ela dei todo o meu tempo, sacrifiquei meu repouso, minha saúde, porque o futuro estava escrito diante de mim em caracteres irrecusáveis. Fi-lo por meu próprio impulso, e minha mulher, que nem é mais ambiciosa, nem mais interesseira do que eu concordou plenamente com meus pontos de vista e me secundou em minha tarefa laboriosa, como o faz ainda, por um trabalho muitas vezes acima de suas forças, sacrificando sem pesar os prazeres e distrações do mundo, aos quais sua posição de família a tinham habituado.

Sem nos afastarmos de nosso gênero de vida, nem por isso esta posição excepcional deixou de nos criar menos

dificuldades, às quais somente os meus recursos não me permitiriam prover. Seria difícil imaginar a multiplicidade das despesas que ela suscita e que, sem isso, eu teria evitado. A necessidade de residir em dois locais diferentes é, como já disse, um acréscimo de gastos, pela obrigação de ter um duplo mobiliário, sem contar uma porção de despesas miúdas exigidas por essa dupla habitação e as perdas que resultam de meus interesses materiais, negligenciados em razão dos trabalhos que absorvem todo o meu tempo. Não é uma queixa que articulo, visto que minhas ocupações atuais são voluntárias, mas um fato que constato em resposta aos que afirmam que tudo é lucro para mim no Espiritismo. Quanto aos gastos especiais decorrentes de minha posição, seria impossível enumerá-los; mas se se considerar que tenho anualmente mais de oitocentos francos de despesas em porte de cartas, independentemente das viagens, da necessidade de me associar a alguém para me secundar, e outros pequenos gastos, compreender-se-á que não exagero ao dizer que minhas despesas anuais, que têm crescido sem cessar, hoje estão mais que triplicadas. Pode-se fazer uma idéia aproximada de quanto se elevou este excedente em oito anos, considerando a média de 6000 francos por ano. Ora, ninguém contestará a utilidade destas despesas para o sucesso da Doutrina que, evidentemente, teria enlanguescido, se eu tivesse permanecido no meu retiro, sem ver ninguém e sem as numerosas relações que mantenho diariamente. E, contudo, é o que eu teria sido obrigado a fazer, se nada me tivesse vindo em auxílio.

Pois bem, senhores! o que me proporcionou esse suplemento de recursos foi o produto de minhas obras. E o digo com satisfação, pois foi com o meu próprio trabalho, com o fruto de minhas vigílias que provi, pelo menos em maior parte, às necessidades materiais do estabelecimento da Doutrina. Assim, eu trouxe uma larga cota-parte à caixa do Espiritismo. Quis Deus que ele encontrasse em si mesmo seus primeiros meios de ação. No princípio, eu lamentava que minha pouca fortuna não me permitisse fazer o que queria fazer pelo bem da causa; hoje aí vejo

o dedo da Providência e a realização dessa predição tantas vezes repetida pelos Espíritos bons: Não te inquietes com coisa alguma; Deus sabe o que te é preciso e saberá provê-lo.

Se eu tivesse empregado o produto de minhas obras no aumento de meus prazeres materiais, teria sido em prejuízo do Espiritismo; não obstante, ninguém teria tido o direito de me censurar, porque eu era bem senhor de dispor à vontade daquilo que só devia a mim mesmo; mas, porque me privava antes, também podia privar-me depois; aplicando-o na obra, creio que ninguém achará que seja dinheiro mal-empregado e os que ajudam a propagar as obras não poderão dizer que trabalham para me enriquecer.

Prover o presente não era tudo: era necessário pensar no futuro e preparar uma fundação que, depois de mim, pudesse ajudar aquele que me substituirá na grande tarefa que terá de cumprir. Esta fundação, sobre a qual devo calar-me ainda, liga-se à propriedade que possuo, e é em vista disto que aplico uma parte de meus produtos em melhorá-la. Como estou longe dos milhões com que me gratificaram, e a despeito de minhas economias, duvido muito que meus recursos pessoais me permitam dar a esta fundação o complemento que em vida lhe queria destinar. Mas, desde que sua realização está nos planos de meus guias espirituais, se eu mesmo não a fizer, é provável que um dia ou outro isto seja feito. Enquanto espero, elaboro os projetos no papel.

Longe de mim, senhores, o pensamento de tirar a menor vaidade do que acabo de vos expor. Foi preciso a perseverança de certas diatribes para me engajar, embora a contragosto, para romper o silêncio sobre alguns fatos que me dizem respeito. Mais tarde, todos quantos a malevolência aprovou desnaturar serão trazidos à luz por documentos autênticos; mas o tempo dessas explicações ainda não chegou. A única coisa que me importava no momento era que fôsseis esclarecidos sobre o

destino dos fundos que a Providência fez passar às minhas mãos, seja qual for a sua origem. Não me considero senão como depositário, mesmo daqueles que ganho e, com mais forte razão, dos que me são confiados e dos quais prestarei contas rigorosas. Resumo, dizendo: para mim não necessito; significa dizer que deles não tiro proveito.

Resta-me ainda falar, senhores, da caixa de beneficência. Sabeis que ela se formou, sem desígnio premeditado, por algumas quantias depositadas em minhas mãos para obras de caridade, mas sem aplicação especial, às quais junto as que, de vez em quando, se acham sem emprego determinado. O primeiro donativo feito com este objetivo foi o de uma quantia de 200 francos, enviados no dia 20 de agosto de 1863. No ano seguinte, em 17 de agosto de 1864, a mesma pessoa me remeteu idêntica soma de 200 francos. Em 1º de setembro, durante minha viagem, outra pessoa me enviou 100 francos. Quando das subscrições publicadas na *Revista*, várias pessoas juntaram às suas remessas quantias de menor importância, com emprego facultativo. Recentemente, em 28 de abril último, alguém me remeteu 500 francos. O total das receitas elevou-se hoje a 1317 francos. O total das despesas, em auxílios diversos, donativos ou empréstimos ainda não reembolsados, eleva-se a 1060 francos. Atualmente restam-me em caixa 257 francos.

Alguém me perguntava um dia, sem curiosidade, é claro, e por mero interesse pela causa, o que eu faria de um milhão, se o tivesse. Respondi-lhe que hoje o seu emprego seria totalmente diferente do que teria feito no início. Outrora eu teria feito propaganda por uma larga publicidade; agora reconhecia que isto teria sido inútil, pois os nossos adversários se haviam encarregado disto à sua custa. Não pondo então grandes recursos à minha disposição, os Espíritos quiseram provar que o Espiritismo só devia o seu sucesso a si mesmo, à sua própria força, e não ao emprego de meios vulgares.

Hoje, que o horizonte se ampliou, sobretudo que o futuro se desdobrou, fazem-se sentir necessidades de ordem completamente diversa. Um capital como o que supondes receberia um emprego mais útil. Sem entrar em detalhes, que seriam prematuros, direi simplesmente que uma parte serviria para converter minha propriedade numa casa especial de retiro espírita, cujos habitantes recolheriam os benefícios de nossa doutrina moral; a outra constituiria uma renda *inalienável*, destinada: 1^o – a manter o estabelecimento; 2^o – a assegurar uma existência a quem me suceder e aos que o ajudarem em sua missão; 3^o – a prover às necessidades correntes do Espiritismo, sem recorrer aos produtos eventuais, como sou obrigado a fazer, já que a maior parte dos recursos assenta-se em meu trabalho, que terá um termo.

Eis o que eu faria; mas se esta satisfação não me for dada, pouco me importa que seja concedida a outros. Aliás, de um modo ou de outro, sei que os Espíritos que dirigem o movimento proverão a todas as necessidades em tempo hábil; eis por que absolutamente não me inquieto com isto e me ocupo com o que, para mim, é essencial: a conclusão dos trabalhos que me restam por terminar. Feito isto, partirei quando a Deus aprouver chamar-me.

É de admirar que certas personagens altamente colocadas, e notoriamente simpáticas à idéia espírita, não tomem abertamente, e oficialmente, a causa em questão. Dirão que seria o seu dever, uma vez que o Espiritismo é uma obra essencialmente moralizadora e humanitária. Esquecem que tais pessoas, por sua própria posição, mais que outras têm de lutar contra preconceitos que só o tempo fará desaparecer, e que cairão ante o ascendente da opinião. Digamos, ademais, que o Espiritismo ainda se encontra em estado de esboço e que não disse a última palavra; os princípios gerais estão assentados, mas só lhes entrevêem as conseqüências, que não são e *nem podem* ser ainda claramente definidos. Até agora não passa de uma doutrina filosófica, cuja aplicação deve ser aguardada para as grandes questões de interesse geral. Só então é

que muitas pessoas compreenderão o seu verdadeiro alcance e utilidade e poderão pronunciar-se com conhecimento de causa. Até que o Espiritismo tenha completado sua obra, o bem que faz é limitado; não podendo ser senão uma crença individual, uma adesão oficial seria prematura e impossível. Aí, sim, muitos dos que hoje o consideram como uma coisa fútil, mudarão forçosamente a maneira de ver e serão levados, pela própria força das coisas, a fazer dele um estudo sério. Deixemo-lo, pois, crescer e não peçamos que seja homem antes de ter sido criança. Não peçamos à infância o que só a idade viril pode dar.

A. K.

Nota – Esta exposição tinha sido feita apenas para a Sociedade; mas, tendo sido pedida por unanimidade a sua inserção na *Revista*, julgamos por bem aquiescer a esse desejo.

O Espiritismo de Alto a Baixo da Escala

Nada ensinamos de novo aos nossos irmãos em crença, nem aos nossos adversários, dizendo que o Espiritismo invade todas as camadas da sociedade. As duas cartas que aqui citamos têm por objetivo principal realçar a similitude de sentimentos que a doutrina suscita nos dois pólos extremos da escala social, em indivíduos que não têm nenhum contato, que jamais vimos e que, no entanto, se encontram no mesmo terreno, sem outro guia a não ser a leitura das obras. Um é um dignitário do império russo, e o outro um simples pastor da Touraine.

Eis a primeira das cartas;

Senhor,

Desde 23 de outubro último formou-se em nossa cidade um grupo espírita sob a proteção do apóstolo São Pedro.

Considerando que sois nosso mestre em Espiritismo, julgo um dever, senhor, como presidente deste grupo, dar-vos esta informação.

O objetivo principal a que nos propomos é o alívio dos Espíritos sofredores, tanto encarnados quanto desencarnados. Nossas reuniões ocorrem duas vezes por semana. Procuramos alcançar a unidade de pensamento e, para o conseguir, cada assistente, durante toda a sessão, guarda o mais recolhido silêncio. A pergunta feita aos Espíritos é lida em voz alta e cada um de nós, mentalmente, pede ajuda a seu anjo da guarda, a fim de obter uma resposta verdadeira. Em nossas evocações tratamos, na maioria das vezes, com Espíritos de ordem inferior, Espíritos obsessores; e como conhecemos, por experiência, a eficácia da prece em comum, a ela quase sempre recorremos para esclarecer e aliviar esses infelizes. Nosso grupo possui muitos médiuns, mas, habitualmente, só dois ou três escrevem em cada sessão. Temos, além disso, um médium audiente e vidente, e um magnetizador. Prometem-nos um médium desenhista, mas, como jamais o vimos, não posso apreciar a sua faculdade. Nosso grupo já se compõe de quarenta membros.

Há várias outras reuniões espíritas em São Petersburgo, mas não possuem regulamentos. Nosso grupo é o primeiro a ser regularmente organizado e esperamos que, com a ajuda de Deus, nosso exemplo seja seguido.

Estimo muito poder dizer-vos que, enfim, apareceu a primeira brochura espírita na Rússia, impressa em São Petersburgo, com autorização da censura: é minha resposta a um artigo que o arcepreste Sr. Debolsky inseriu no jornal *Radougaf* (Arco-íris). Até agora nossa censura só permitia a publicação de artigos contra o Espiritismo, mas nunca a favor. Pensei que a melhor refutação fosse a tradução de vossa brochura *O Espiritismo na sua expressão mais simples*, que mandei inserir naquele jornal.

Permitiríeis, senhor, que eu vos enviasse as comunicações mais importantes que pudéssemos obter, sobretudo as que viessem em apoio da verdade e da sublimidade de nossa doutrina?

Quereis aceitar, etc.

General A. de B...

A postura desse grupo, o objetivo de total caridade a que se propõem, são as melhores provas de que o ali o Espiritismo é compreendido em sua verdadeira essência e encarado por seu lado mais sério e mais eminentemente prático; nada de curiosidade, nada de perguntas inúteis, mas a aplicação da doutrina no que tem de mais elevado. Uma pessoa que muitas vezes assistiu a essas reuniões nos disse que a gente fica edificado com a gravidade, o recolhimento e o sentimento de verdadeira piedade que as presidem.

A carta seguinte não nos foi escrita, mas ao presidente de um dos grupos espíritas de Tours. Transcrevemo-la literalmente, salvo a ortografia, que foi corrigida:

Caro Sr. Rebondin e irmão em Deus,

Perdoai, caro senhor, se tomo a liberdade de vos escrever. Há muito tempo eu tinha a intenção de o fazer, para vos agradecer a boa acolhida que me destes o ano passado, proporcionando-me o prazer de assistir duas vezes às vossas sessões. Provavelmente não vos lembrais de mim; mas vou dizer-vos quem sou. Vim ver-vos com meu antigo patrão, Sr. T...; eu era seu pastor há onze anos; hoje ele acaba de se casar e os parentes de sua esposa, percebendo que eu me ocupava de Espiritismo – um estudo diabólico, segundo eles – tanto fizeram que ele se viu forçado a nos despedir. Sofri muito com esta separação, caro senhor, mas quero seguir as máximas de nossa santa doutrina; meu

dever é orar por todos os infelizes que ofendem o divino Mestre de todos nós.

Tenho feito todos os esforços, desde que conheci a doutrina, para fazer adeptos; se encontrei obstáculos, tive a satisfação de ter levado muitas pessoas ao conhecimento do Espiritismo, que explica todas as provações que sofremos nesta Terra de amarguras e de misérias. Oh! como é doce ser espírita e praticar suas virtudes! Para mim é minha única felicidade. Vós, caro senhor, o mais devotado à santa causa, espero que não me recusareis um lugar em vosso coração. Sou tão feliz por vos conhecer, acolhestes-me tão bem! Já fui duas vezes a Tours, com meus dois amigos que estudam o Espiritismo, com intenção de assistir às vossas sessões, mas fiquei sabendo que vossas reuniões não se realizavam mais aos domingos. Tende a bondade de me dizer se vos reunis sempre nesse dia e permiti que me reúna a vós, com os meus amigos, a fim de participarmos em nosso bem espiritual; dar-nos-íeis a maior felicidade. Conto com a vossa amizade, esperando o dia em que serei tão feliz por estarmos reunidos para praticar o amor e a caridade.

Do vosso amigo, que vos ama e saúda fraternalmente,

Pierre Houdée, pastor

Vê-se que não é preciso um diploma para compreender a doutrina. É que, malgrado seu elevado alcance, ela é tão clara e tão lógica que chega sem custo a todas as inteligências, condição sem a qual nenhuma idéia pode popularizar-se. Toca o coração: eis o seu maior segredo, e há um coração no peito do proletário, como no do grão-senhor. O grande, como o pequeno, tem suas dores, suas amarguras, suas chagas morais, para as quais pede bálsamo e consolações, que um e outro encontram na certeza do futuro, porque são iguais na dor e perante a morte, que tanto ferem o rico quanto o pobre. Duvidamos muito que consigam dar à doutrina do

demônio e das chamas eternas bastante atrativo para a suplantar. Esse mesmo pastor fazia muitas vezes, após a sua jornada de trabalho, duas léguas para ir a Tours assistir a uma reunião espírita, e outro tanto para retornar. Quando falamos do *elevado alcance* da Doutrina e das consolações que proporciona, falamos uma linguagem incompreendida para os que crêem que o Espiritismo está inteiramente numa mesa que gira, ou num fenômeno mais ou menos autêntico, que reúne curiosos, mas que é perfeitamente entendido por quem quer que não se tenha detido na superfície nem dê ouvidos a boatos, e cujo número é grande.

Os Espíritos na Espanha

CURA DE UMA OBSEDADA EM BARCELONA

Sob o primeiro título publicamos, em setembro de 1864, um artigo no qual estava provado, por fatos autênticos, que, para os Espíritos, não havia Pirineus, e que eles até se riam dos autos-de-fé. A carta do Sr. Delanne, publicada em nosso último número, é uma nova prova. Aí se menciona sumariamente a cura de uma obsessão, devida ao zelo e à perseverança de alguns espíritas sinceros e devotados de Barcelona. Enviaram-nos o relato detalhado dessa cura, que julgamos por bem publicar, assim como a carta que a acompanhava:

Senhor e caro mestre,

Tivemos o privilégio de ter conosco o nosso caro irmão em crença Sr. Delanne, e lhe demos informações de nossos fracos trabalhos, bem como de nossos esforços para proporcionar alívio a alguns pobres pacientes, que Deus se dignou pôr em nossas mãos. Entre estes havia uma mulher que, durante 15 anos, foi vítima de uma obsessão das mais cruéis, e que Deus nos permitiu curar. Certamente não era nossa intenção mencioná-la, porque trabalhamos em silêncio, sem nos quereremos atribuir qualquer

mérito. Mas, como o Sr. Delanne nos disse que o relato dessa cura talvez servisse de estímulo a outros crentes que, como nós, se devotariam a essa obra de caridade, não vacilamos em vo-lo enviar. Bendizemos a mão do Senhor, que nos permite saborear o fruto de nossos trabalhos e já nos dá aqui a sua recompensa.

Durante a Semana Santa foram pregados vários sermões contra o Espiritismo, dos quais um se destacava pelos absurdos. O pregador indagava aos fiéis se eles ficariam satisfeitos em saber que as almas de seus parentes renasciam em corpos de boi, de jumento, de porco ou outro animal qualquer. Eis, diz ele, o Espiritismo, meus caros irmãos; ele é perfeito para o espírito leviano dos franceses, mas não para vós, espanhóis, sérios demais para o admitir e nele acreditar.

Aceitai,

J. M. F.

Casada em 1850, Rose N... foi acometida, poucos dias após o casamento, de ataques espasmódicos, que se repetiam com muita freqüência e com violência, até engravidar. Durante a gravidez nada experimentou, mas, depois do parto, os mesmos acidentes se renovavam; muitas vezes as crises duravam três ou quatro horas, durante as quais ela fazia toda sorte de extravagâncias e eram precisas três ou quatro pessoas para dominá-la. Entre os médicos chamados, uns diziam que era uma doença nervosa; outros, que era loucura. O mesmo sintoma se repetia em cada gravidez, isto é, os acidentes cessavam durante a gestação e recomeçavam após o parto.

Isto já durava vários anos. O pobre casal estava cansado de consultar a uns e outros e a fazer uso de remédios que não davam o menor resultado. Essa gente simples estava no limite da paciência e dos recursos, pois, algumas vezes, a mulher ficava meses

inteiros sem poder dedicar-se aos trabalhos domésticos. Por vezes sentia ligeira melhora, que fazia supor uma cura, mas, após algumas semanas de trégua, o mal reaparecia com terrível recrudescência.

Como algumas pessoas os persuadissem de que um mal tão rebelde deveria ser obra do demônio, eles recorreram aos exorcismos e a paciente se dirigiu a um santuário distante vinte léguas, de onde voltou aparentemente tranqüila; mas, ao cabo de alguns dias o mal voltou com nova intensidade. Ela partiu para outro retiro, onde permaneceu quatro meses, durante os quais ficou tão tranqüila que a julgaram curada. Voltou, então, à sua família, alegre por se ver, enfim, livre da cruel doença; contudo, após algumas semanas, suas esperanças novamente foram por água a baixo, já que os acessos voltaram com mais força que nunca. Marido e mulher estavam desesperados.

Foi em julho último, 1864, que um de nossos amigos e irmão em crença nos deu conhecimento do fato, propondo que tentássemos aliviar, se não curar, essa pobre perseguida, pois a julgava tomada de uma obsessão das mais cruéis. Na ocasião a doente estava sendo submetida a tratamento magnético, que lhe havia proporcionado um certo alívio; mas o magnetizador, embora espírita, não tinha meios de evocar o Espírito obsessor, por falta de médiuns e, apesar de sua vontade, não podia produzir o efeito desejado. Aceitamos com interesse essa oportunidade de fazer uma boa obra. Reunimos vários adeptos sinceros e mandamos trazer a doente.

Bastaram alguns minutos para reconhecermos a causa da moléstia de Rose. Era, com efeito, uma obsessão das mais terríveis. Tivemos muito trabalho para fazer o obsessor vir ao nosso chamado. Ele foi muito violento, respondeu algumas palavras incoerentes e logo se atirou enfurecido sobre sua vítima, provocando-lhe violenta crise, logo acalmada pelo magnetizador.

Na segunda sessão, ocorrida poucos dias depois, pudemos reter por mais tempo o Espírito obsessor, que, no entanto, se mostrou sempre rebelde e muito cruel para com sua vítima. A terceira evocação foi mais feliz; o obsessor conversou familiarmente conosco; fizemo-lo compreender todo o mal que fazia, perseguindo essa infeliz mulher, mas ele não queria confessar seus erros e dizia que a fazia pagar *uma velha dívida*. Na quarta evocação orou conosco e se queixou por ter sido trazido a nós contra sua vontade; queria vir, mas de moto próprio. Foi o que fez na sessão seguinte. Pouco a pouco, a cada nova evocação, exercíamos maior domínio sobre ele e acabamos por fazê-lo renunciar ao mal que, desde a quarta sessão, vinha diminuindo; na nona, tivemos a satisfação de ver as crises cessarem. De cada vez uma magnetização de 12 a 15 minutos acalmava totalmente Rose e a deixava num estado de perfeita tranqüilidade.

Desde o mês de agosto – há nove meses, portanto – a doente não teve mais crises, e suas ocupações não foram interrompidas. Apenas uma vez ou outra ela sofria ligeiros abalos, em consequência de alguma contrariedade que não podia dominar; mas eram como relâmpagos sem tempestade, praticamente para lhe demonstrar que não devia esquecer os bons hábitos que tinha contraído para com Deus e os seus semelhantes. É preciso dizer também que ela contribuiu poderosamente para a cura, por sua fé, seu fervor e sua confiança no Criador, e pela moderação de um caráter naturalmente irritável. Tudo isto contribuiu para que o obsessor se enchesse de coragem, pois não a tinha bastante para tomar resolutamente o bom caminho; temia as provações que teria de sofrer para merecer o perdão. Mas, graças a Deus, e com o poderoso auxílio de nossos bons guias, já está no bom caminho e faz tudo o que pode para ser perdoado. Hoje, é ele que dá bons conselhos àquela a quem perseguiu por tanto tempo e que é agora robusta e alegre, como se nada tivera. Contudo, de oito em oito dias ela vem submeter-se a uma magnetização e, de vez em

quando, evocamos seu antigo perseguidor, para o fortalecer em suas boas resoluções. Eis a sua última comunicação, dada em 19 de abril de 1865:

Eis-me aqui. Venho agradecer vossa boa perseverança para comigo. Sem vós, sem esses Espíritos bons e benevolentes, aqui presentes, eu jamais teria conhecido a felicidade que agora sinto; ainda me arrastaria no mal, na miséria. Oh! sim, miséria, porque não se pode ser mais infeliz do que eu era; sempre a fazer o mal e sempre desejoso de o fazer! Quantas vezes, ah! vos disse que não sofria! Só agora vejo quanto sofria. Neste mesmo instante ainda sinto esses sofrimentos, mas não como antes; hoje é o arrependimento e não a incessante vontade de fazer o mal. Oh, não! que o Deus de bondade dele me preserve e que eu seja fortalecido para não mais recair na pena. Oh! não mais essas torturas; não mais esses males causticantes que não deixam à alma nenhum momento de repouso. Isto é bem o inferno, que está com aquele que faz o mal, como eu fazia.

Fiz o mal por ressentimento, por vingança, por ambição! O que lucrei com isto? Ai! repellido pelos Espíritos bons, não os podia compreender quando se aproximavam de mim e eu escutava suas vozes, porque não me era permitido vê-los. Não! hoje Deus permitiu; é por isto que sinto um bem-estar que jamais experimentei; porque, a despeito de sofrer bastante, entrevejo o futuro e suporto meus sofrimentos com paciência e resignação, pedindo perdão a Deus e assistência aos Espíritos bons para aquela a quem persegui por tanto tempo. Que ela me perdoe; dia virá, e talvez não custe, em que lhe poderei ser útil.

Termino agradecendo e vos pedindo que continueis a me favorecer com as vossas preces e com a amizade que me testemunhastes, e me perdoando pelo trabalho que vos dei. Oh! obrigado, obrigado! Não podeis saber quanto o meu Espírito é grato pelo bem que me fizestes. Rogai a Deus que me perdoe e aos

Espíritos bons para que estejam comigo, a fim de me ajudarem e me fortalecerem. Adeus.

Pedro

Depois desta comunicação recebemos o seguinte de nossos guias espirituais:

A cura chega ao fim. Agradecei a Deus que se dignou acolher vossas preces e se servir de vós para que um inimigo obstinado se tivesse tornado hoje um amigo; porque, tende certeza, um dia esse Espírito fará tudo o que for possível por essa pobre família, que por tanto tempo atormentou. Mas vós, caros filhos, não abandoneis o perseguidor, nem a perseguida; ambos ainda precisam de vossa assistência; um para o sustentar no bom caminho que tomou; evocando-o algumas vezes, aumentareis a sua coragem; a outra, para dissipar totalmente o fluido malsão que a envolveu tanto tempo; de vez em quando fazei-lhe uma abundante magnetização, sem o que ela ainda se acharia exposta à influência de outros Espíritos malévolos, pois sabeis que estes não faltam e vós o lamentaríeis. Coragem, pois; acabai, completai vossa obra e preparai-vos para as que ainda vos estão reservadas. Sede firmes; vossa tarefa é espinhosa, é verdade, mas, também, se não vos dobrardes, como será grande a vossa recompensa!

Vossos guias

Não basta relatar fatos mais ou menos interessantes; o essencial é deles tirar uma instrução, sem o que não têm proveito. É pelos fatos que o Espiritismo se constituiu em ciência e em doutrina; mas, se não nos tivéssemos limitado senão a constatá-los e a registrá-los, não estaríamos mais adiantados que no primeiro dia. No Espiritismo, como em toda ciência, sempre há algo a aprender. Ora, é pelo estudo, pela observação e pela dedução dos fatos que se aprende. É por isso que, quando é o caso, fazemos seguir os que citamos das reflexões que nos sugerem, quer venham

confirmar um princípio conhecido, quer sirvam de elemento a um princípio novo. Em nossa opinião, é o meio de cativar a atenção das pessoas sérias.

Uma primeira observação a fazer sobre a carta relatada acima é que, a exemplo dos que compreendem a doutrina em sua pureza, seus adeptos fazem abnegação de todo amor-próprio; não se exibem e nem procuram brilhar; fazem o bem sem ostentação e sem se vangloriarem das curas que obtêm, porque sabem que não as devem ao seu talento, nem ao seu mérito pessoal, e que Deus lhes pode retirar esse favor quando lhe aprouver; não buscam clientela nem reputação; encontram sua recompensa na satisfação de ter aliviado um aflito e não no vão sufrágio dos homens. É o meio de granjear o apoio dos Espíritos bons, que deixam o orgulho aos Espíritos orgulhosos.

Os casos de cura como este, como os de Marmande e outros não menos meritórios, sem dúvida são um encorajamento; são, também, excelentes lições práticas, que mostram a que resultados se pode chegar pela fé, pela perseverança e por uma sábia e inteligente direção; mas o que não deixa de ser um bom ensinamento é o exemplo da modéstia, da humildade e do completo desinteresse moral e material. Nos centros animados de tais sentimentos é que se obtêm esses resultados maravilhosos, porque aí se é verdadeiramente forte contra os Espíritos maus. Não é menos notável que desde que o orgulho aí penetre, que o bem não se faça exclusivamente pelo bem e que aí se busque a satisfação do amor-próprio, a força declina.

Notemos, igualmente, que é nos centros verdadeiramente sérios que se fazem os mais sinceros adeptos, porque os assistentes são tocados pela boa impressão que recebem, ao passo que nos centros levianos e frívolos só se é atraído pela curiosidade, que nem sempre é satisfeita. É compreender o verdadeiro objetivo da doutrina empregá-la a fazer o bem aos desencarnados, como aos

encarnados; convenhamos que é pouco recreativo para certa gente, mas é mais meritório para os que a isso se devotam. Assim, estamos satisfeitos por ver se multiplicarem os centros que se entregam a esses trabalhos úteis; as criaturas aí se instruem prestando serviço, e os assuntos de estudo aí não faltam. São os mais sólidos sustentáculos da doutrina.

Não é um fato muito característico ver, nas duas extremidades da Europa, no norte da Rússia e no sul da Espanha, reuniões espíritas animadas pelo mesmo pensamento de fazer o bem, agindo sob o impulso dos mesmos sentimentos de caridade para com os seus irmãos? Não é o indício da irresistível força moral da doutrina, que vence todos os obstáculos e não conhece barreiras?

Na verdade, é preciso ser muito desprovido de boas razões para combatê-la, quando se está reduzido aos tristes expedientes utilizados pelo pregador de Barcelona, acima citado; seria perder tempo refutá-los; só há que lamentar os que se deixam ir a semelhantes aberrações, que provam a mais cega ignorância, ou a mais insigne má-fé. Disso, porém, não resulta uma instrução menos importante. Suponhamos que a mulher Rose tivesse acreditado nas asserções do pregador e que tivesse repellido o Espiritismo; o que teria acontecido? Não se teria curado; teria caído na miséria, por não poder trabalhar; ela e o marido talvez tivessem amaldiçoado a Deus, ao passo que agora o bendizem, e o Espírito mau não se teria convertido ao bem. Do ponto de vista teológico, são três almas redimidas pelo Espiritismo, e que o pregador teria deixado que se perdessem.

Vendo os primeiros sintomas, compreende-se que a Ciência tenha podido enganar-se, porque tinham todos os caracteres de um caso patológico. Todavia, não era nada disso. Só o Espiritismo podia descobrir a sua verdadeira causa e a prova é que a Ciência, com seus remédios, foi impotente durante longos

anos, ao passo que, em alguns dias, ele triunfou sem medicamentos, unicamente pela moralização do ser perverso, que era o seu autor. O fato aí está, e milhares de fatos semelhantes. Que dizem os incrédulos? É o acaso, a força da Natureza; a doente devia curar-se. E certos padres? dizemos certos padres intencionalmente, porque nem todos pensam da mesma forma. Essa mulher foi curada pelo demônio, e teria sido melhor para a salvação de sua alma que tivesse ficado doente. A mulher Rose não é desta opinião; como por isto agradece a Deus e não ao demônio, ora e faz boas obras, absolutamente não julga comprometida a sua salvação; em segundo lugar, ela prefere ter sido curada e trabalhar para alimentar os filhos a vê-los morrer de fome. Em nossa opinião, Deus é fonte de todo bem.

Mas se o diabo é o verdadeiro ator em todos os casos de obsessão, donde vem a impotência dos exorcismos? É um fato positivo que, não só em semelhantes casos o exorcismo sempre falhou, mas que as cerimônias desse gênero sempre se fizeram seguir de recrudescência no mal; Morzine ofereceu memoráveis exemplos. O diabo é, pois, mais poderoso que Deus, já que resiste aos seus ministros, aos que lhe opõem coisas santas? E, contudo, quem os espíritas invocam? a quem solicitam apoio? A Deus. Por que triunfam com a mesma assistência, quando os outros falham? Eis a razão:

Em primeiro lugar, o retorno do obsessivo ao bem e, por conseguinte, a cura do doente – e isto é um fato material – provam que não é um demônio, mas um Espírito mau, susceptível de melhorar-se. Em segundo lugar, no exorcismo só lhe contrapõem palavras e sinais materiais, na virtude dos quais acreditam, mas que o Espírito não leva em nenhuma conta: irritam-no, ameaçam-no, amaldiçoam-no e o condenam às chamas eternas; querem domá-lo pela força, mas, como é inatingível, ele ri e vos escapa, querendo provar que é mais forte que vós. Pelo Espiritismo falam-lhe com doçura, procuram fazer que nele vibre a corda do

sentimento e lhe mostram a misericórdia de Deus; fazem-lhe entrever a esperança e o conduzem suavemente ao bem. Eis todo o segredo.

O fato acima apresenta um caso particular, o da suspensão das crises durante a gravidez. De onde vem isto? Que a Ciência o explique, se puder. Eis a razão dada pelo Espiritismo: A doença não era loucura, nem uma afecção nervosa; a cura é a prova disto: era bem uma obsessão. O Espírito obsessor exercia uma vingança; Deus o permitia para servir de provação e de expiação à mãe e, além disso, porque, mais tarde, a cura desta devia levar à melhora do Espírito. Mas as crises, durante a gestação, podiam prejudicar a criança; Deus queria mesmo que a mãe fosse punida pelo mal que fizera, mas não queria que o ser inocente que trazia no ventre sofresse por isto. É por tal motivo que, durante esse tempo, foi retirada toda liberdade de ação aos seus perseguidores.

Como o Espiritismo explica coisas para quem quiser estudar e observar! Quantos horizontes abrirá à Ciência, quando esta levar em conta o elemento espiritual! Como estão longe de compreendê-lo os que só o vêem nas manifestações curiosas!

Os Dois Espiões

Um dos nossos correspondentes de São Petersburgo nos envia a tradução de um artigo publicado contra o Espiritismo, num jornal religioso daquela cidade: *Doukhownaia Beceda* (Exercícios religiosos). É um relato feito por dois jovens de Moscou, os Srs.***, que, em novembro último, se apresentaram em nossa casa, aparentando fazer parte da melhor sociedade, dizendo-se muito simpáticos ao Espiritismo, tendo sido recebidos com a consideração devida à sua qualidade de estrangeiros. Nada absolutamente em suas palavras e maneiras traía a intenção que os movia; era preciso que assim fosse para representarem seu papel e

realizarem a missão de que estavam encarregados. Por certo nossos adversários da França nos habituaram a relatos que não brilham pela exatidão, mas, justiça lhes seja feita: ao que saibamos, nenhum deles levou tão longe a calúnia. Isto teria sido difícil num jornal francês, porque a lei protege contra tais abusos, mas também porque muitas testemunhas oculares viriam constatar a verdade. Mas, a seiscentas léguas, num país estrangeiro e numa língua desconhecida aqui, isto era mais fácil. Devemos aos numerosos adeptos da Rússia uma refutação desse ignóbil panfleto, cujos autores são ainda mais repreensíveis por terem abusado da confiança que tinham buscado inspirar. Introduzindo-se sob falsas aparências, como emissários de um partido, numa casa particular e numa reunião muito privada, jamais aberta ao público e onde só se é admitido mediante recomendação, para dar publicidade a um relatório desfigurado e ultrajante, colocam-se abaixo dos espíões, porquanto estes, pelo menos, prestam conta exata do que viram. É lamentável, ainda, seja em nome da religião que se façam semelhantes coisas, por as julgarem necessárias à sua sustentação. Não é por tais meios que algum dia aniquilarão o Espiritismo; fazem-no crescer pelo ódio que lhe devotam. Deu-se o mesmo com o Cristianismo no seu início; perseguindo-o, seus adversários trabalharam pela sua consolidação. Mas naquela época não havia publicidade e a calúnia podia ser alimentada por muito tempo. Hoje a verdade vem à tona prontamente, e, quando dizem que uma coisa é negra, ainda que de forma mecânica, cada um pode achar ao seu lado a prova de que é branca e o odioso da calúnia recai sobre seus autores.

As reflexões do jornal são as de todos os detratores que têm a mesma opinião. Foram refutadas tantas vezes que seria inútil a elas voltar. Não obstante, citaremos a seguinte passagem:

“Os espíritas estarão, efetivamente, em comunicação direta com o mundo dos Espíritos, a tal ponto que as mais altas personagens e as mais sagradas acorram ao seu apelo *ad libitum*, à

vontade dos médiuns, como ao toque de uma sineta? Não há aqui charlatanismo e grosseira patifaria, não da parte dos Espíritos, que Allan Kardec ensina tão bem a distinguir, mas da parte do próprio chefe dessa nova seita, tão sedutora para a imaginação de seus adeptos inexperientes? Duas cartas anexas, de Paris, vindas de pessoas *dignas de fé*, mas que não quiseram identificar-se, podem dar uma resposta suficiente a essa delicada questão.”

O Espiritismo jamais disse que os Espíritos, quaisquer que sejam, venham à vontade de um médium qualquer; ao contrário, diz que eles não estão às ordens de ninguém; que vêm quando querem e podem. Faz mais, pois demonstra as causas materiais que se opõem a que um Espírito se manifeste ao primeiro que chegar.

Se a comunicação dos Espíritos não passa de uma idéia sem fundamento e de uma comédia, só uma pessoa devia ter o seu monopólio. Como é que a realidade do fato é constatada há anos por milhões de indivíduos de todas as classes e idades, em todos os países? Então todo mundo representa a comédia, dos príncipes aos plebeus, e isto em proveito de quem? O que é ainda mais bizarro é que essa comédia leva os incrédulos a Deus e faz orar os que zombavam da prece. Jamais se viu uma escamoteação produzir resultados tão sérios.

Quanto às cartas dos dois emissários, seria supérfluo assinalar as tolas e grosseiras injúrias que encerram; bastará que citemos alguns erros materiais para mostrar a fé que merece seu relatório sobre o resto.

À hora convencionada fomos nos recomendar a Allan Kardec. Ele reside numa dessas passagens constantemente tomadas pela multidão. Um cartaz em grandes letras anuncia que é lá que se realizam os mistérios do Espiritismo.

Ao pé da escada há um pequeno letreiro, com estas palavras: *Revista Espírita, 2ª andar*, porque lá está a direção do jornal, e sendo todo jornal sujeito ao público, deve indicar seu domicílio. Abaixo está escrito: *Sala de cursos*, porque a sala das sessões era primitivamente destinada a cursos diversos, que jamais se realizaram desde que habitamos o local. Nada há ali que anuncie a realização de quaisquer mistérios. É uma primeira invenção desses senhores tão dignos de fé.

Eram cinco horas da tarde. Estava escuro e o espírita não tinha fogo. Por corredores tortuosos fomos introduzidos em seu gabinete.

Os visitantes jamais são introduzidos em nosso gabinete, mas num salão de recepção que, por certo, não é o de um palácio, mas onde os que não o acham digno estão perfeitamente livres para não voltar.

Depois de nos ter convidado para nos assentarmos, continuou a conversar com um rapaz desconhecido para nós. As palavras deste último nos levaram a compreender que era um médium recente e se achava obsidiado pela força impura que lhe dava respostas sob a máscara de Espíritos puros; que a princípio as respostas são veladas por uma inocência perfeita, mas em seguida o diabo se traía pouco a pouco. A voz, o ar estupefato do jovem, tudo denotava uma violenta agitação. O espírita respondeu que a pureza moral da vida e a moderação eram necessárias para se comunicar com os Espíritos, e assim por diante; que no começo o médium é ordinariamente perseguido pelos Espíritos maus, mas que depois chegam os bons. O tom desse discurso era o de um mestre ou preceptor. *Não há dúvida* de que tudo isto não passava de uma comédia representada em nossa presença.

Esse rapaz, nós nos lembramos, era um simples operário que vinha pedir-nos conselhos, como acontece muitas vezes. *Continuamos* nossa conversa com ele porque, aos nossos olhos, um operário honesto tem direito a tanto mais consideração quanto mais humilde a sua posição. É possível que estas idéias não sejam as daqueles senhores, mas eles lá chegarão quando, numa outra existência, se acharem na condição daqueles a quem hoje tratam com tanta altivez. Quanto à comédia que, *não há dúvida*, eles representaram, é muito singular que fosse preparada para eles, já que não os esperávamos. À sua chegada o moço estava só; como *continuamos* a conversa, é que a tínhamos começado. Ambos, então, representamos uma comédia. Em todo o caso, ela nada tinha de muito interessante, e quando se faz tanto, faz-se algo melhor.

Graças a uma obscuridade interessante, o mestre não era visível. Dirigiu-se a nós com uma pergunta que sondava nossa crença no Espiritismo, seu desenvolvimento em Moscou, e assim

por diante. Procedia com muita reserva até que soube do nosso desejo. Trouxeram uma lâmpada; então vimos diante de nós um senhor bem corpulento, idoso, de fisionomia bastante amável, olhos singulares que, à primeira vista, pareciam trespassar o indivíduo, para, logo depois, mostrarem um certo ar sonhador. Por muito tempo fitei seus olhos, notáveis no mais alto grau, em seu semblante comum.

Não sei por que atraí sua atenção, de sorte que me perguntou, várias vezes, se eu não era médium. Provando nossa conversa *os nossos conhecimentos de Espiritismo*, ele começou a tornar-se mais comunicativo.

Vê-se qual era o conhecimento deles sobre o Espiritismo e, sobretudo, sua sinceridade. Se, por uma linguagem astuciosa, pensaram nos enganar, eles é que representavam a comédia.

Pôs-se a falar em termos obscuros da alma e dos Espíritos; a princípio sua voz era calma, mas terminou seu discurso com uma ênfase singular. Tendo-lhe perguntado como ele distingue os Espíritos bons dos maus, respondeu que previamente submetiam cada Espírito à prova; *se o Espírito não contradissesse as opiniões morais e religiosas dos espíritas, anotavam-no como Espírito puro*. À minha pergunta: Por que ele só se ocupava da solução das questões morais e não tocava nem nas científicas, nem nas *políticas* – pergunta que o contrariou visivelmente – respondeu algo deste gênero: Os Espíritos não se metem nisto.

Geralmente a política é o terreno perigoso sobre o qual os falsos irmãos procuram trazer os espíritas. Segundo eles, a moral é coisa muito banal e muito vulgar; isto é assunto muito repisado; é necessário o positivo. Um indivíduo condecorado que, sob falsa aparência, se havia introduzido num grupo de operários, em Lyon, onde também se encontravam alguns militares, fez esta pergunta: “O que pensam os Espíritos de Henrique V?” A resposta dos Espíritos e dos assistentes não lhe deu vontade de continuar nem de voltar.

Depois de certa *hesitação*, ele nos *permitiu* assistir à reunião dos espíritas sexta-feira à noite. Pretendiam questionar um coronel da guarda, médium há pouco falecido. Dissemos-lhe adeus. A noite de sexta-feira me interessa e vos darei conta de tudo que vir e ouvir. No entanto, dizem que tomam cem francos por cada sessão. Se for verdade, evidentemente não poderei ver nem ouvir. *Sacrificarei dez francos*, não mais. Paris, 2/14 de novembro de 1864.

Independentemente de nossos bem conhecidos princípios, claramente formulados em nossas obras, em relação à exploração do Espiritismo sob uma forma qualquer, mais de seis mil ouvintes, que foram admitidos às sessões da Sociedade Espírita de Paris, desde a sua fundação em 1º de abril de 1858, podem dizer se alguma vez um só deles pagou alguma coisa como contribuição obrigatória ou *facultativa*; mesmo se foi imposto a quem quer que seja, como condição de admissão, a compra de um único livro ou a assinatura da Revista. Quando se explora o público, a escolha não é difícil; visa-se o número. A *hesitação*, portanto, não seria concebível para admitir esses senhores; em vez de permitir que viessem, teriam sido solicitados a vir. Só por estas palavras eles se traem; mas não pensam em tudo.

Já que tinham ouvido falar que eram cobrados supostos cem francos por pessoa, e que consentiriam em pagar apenas dez, como é que não se certificaram disso antes? Era muito natural, necessário mesmo, no-lo perguntar, para não serem pegos de surpresa na chegada. Há aqui uma insinuação pérfida, mas desastrada. No relato que a seguir fazem da sessão a que assistiram, não falam de pagamento. Ora, tendo dito que *sacrificariam* dez francos, dão a entender que não lhes custou mais. Recuaram ante uma afirmação; mas disseram de si para si: “Lancemos a idéia; sempre restará alguma coisa.” Mas quando não há nada, nada pode restar, a não ser a vergonha para o mentiroso.

Aliás, não é a primeira vez que a malevolência e a inveja empregam tal meio com vistas a desacreditar a Sociedade perante a opinião pública. Ultimamente, em Nantes, um indivíduo informava que as entradas aí custavam cinco francos por cabeça. Seria singular que depois de oito anos de existência ainda não se saiba se ela cobra 100 francos ou 5 francos. Na verdade, é preciso estar bem engeguecido pela vontade de prejudicar a ponto de crer que o público possa ser enganado sobre um fato tão material, que diariamente recebe um desmentido, tanto pelas pessoas que a eles assistem, quanto pelos princípios que ela professa e que são formulados sem equívoco em nossos escritos.

Entretanto, dessa calúnia ressalta uma instrução. Desde que os nossos adversários pensam poder desacreditar a Sociedade, dizendo que exige uma contribuição dos visitantes, é que eles consideram como mais honroso nada cobrar. Ora, uma vez que ela nada exige; que em vez de visar ao número dos audientes, o restringe tanto quanto possível, é que não especula com eles; assim, corta pela base toda suspeita de charlatanismo.

A circunstância do coronel que devia ser evocado nos deu a pista da sessão à qual assistiram aqueles senhores. O fato de não encontrarmos seus verdadeiros nomes na lista do dia prova que se apresentaram com nomes falsos. Isto era muito fácil de verificar, porque aquele era um dia de sessão particular reservada aos membros da Sociedade, à qual só tinham sido admitidos quatro ou cinco estrangeiros, de passagem em Paris. Enviando-nos os seus nomes verdadeiros, nosso correspondente nos informa que são filhos de um alto funcionário eclesiástico russo.

Sexta-feira passada, às oito horas da noite, dirigimo-nos à sessão da Sociedade espírita. Chegamos cedo; os membros ainda não eram numerosos, de sorte que pudemos examinar minuciosamente o ambiente. Um enorme salão continha várias fileiras de cadeiras. Ao lado de uma das paredes achava-se uma mesa coberta com uma toalha verde, em redor da qual estavam cadeiras para os principais membros da Sociedade. Sobre a mesa havia um monte de papéis brancos e uma porção de lápis apontados; nada mais. Acima da mesa pendia a imagem do Senhor abençoando.

Uma investigação tão minuciosa e levada até ao exame dos papéis é um tanto indiscreta da parte de pessoas que se dizem gentis-homens e admitidas por cortesia numa casa particular e a uma reunião que nada tem de pública.

Não há absolutamente nada suspenso acima da mesa. Perto da parede há uma estatueta de São Luís, em costume de rei, presidente espiritual da Sociedade, e que aqueles senhores, ao que parece tomaram pelo Cristo.

As paredes eram ocupadas por quadros singulares. Examinei-os detalhadamente. O maior, pintado a óleo, representa um caixão de defunto, com correntes caídas em volta; uma

paisagem extravagante, com plantas fantásticas, rodeava o caixão. Uma inscrição explica que o quadro foi pintado por *Allan Kardec*.

Esse quadro alegórico é o de que falamos na Revista de novembro de 1862. Não há correntes nem plantas de nenhuma espécie. Em baixo há uma legenda explicativa, com esta inscrição aposta ao próprio quadro, e em evidência: “Pintura mediúnica. Quadro alegórico do advento e do triunfo do Espiritismo; pintado pelo Sr. V..., *jovem aluno de farmácia*, sem qualquer conhecimento de pintura nem de desenho. Lyon.” Não sabemos como esses senhores puderam ver nessas palavras que o quadro foi pintado por Allan Kardec. Isto dá a medida da exatidão de seu relatório e da confiança que o resto merece.

Mais longe, toda uma série de quadros ou desenhos, não sei bem como os chamar, feitos por diversas pessoas, sob a influência dos Espíritos. Impossível dizer a impressão que esses quadros produziram em mim. Examinei-me, examinei-me severamente e achei que a disposição de meu espírito naquele momento era perfeitamente tranqüila, cheia de sangue-frio, de sorte que a impressão que experimentei ao ver aqueles quadros era independente de minha imaginação. Os quadros ou desenhos representam uma insólita reunião de linhas, pontos, círculos, uma reunião original que não tem qualquer semelhança com o que quer que seja. Todos têm um certo gênero particular, que lhes pertence em comum, mas completamente indefinível. Dir-se-ia que nada há de particular nesses pontos e linhas e, contudo, a impressão que deixam é das mais desagradáveis, semelhante a um fatigante pesadelo. Numa palavra, aqueles desenhos em nada se parecem com os que já tendes visto e para mim são repugnantes.

Nessa coleção de desenhos mediúnicos acham-se: a casa de Mozart, publicada na Revista de agosto de 1858, e que todos conhecem; uma cabeça do Cristo, feita no México, de um tipo admirado por todos os peritos; um outro Cristo, coroado de espinhos, modelado em argila na Sociedade Espírita de Madrid, de notável execução; duas soberbas cabeças de mulher em perfil grego, desenhadas na Sociedade Espírita de Constantinopla; uma paisagem a bico-de-pena, pelo Sr. Jaubert, vice-presidente do Tribunal de Carcassonne e que

qualquer artista consumado assinaria, etc. Eis as linhas e os pontos que perturbaram os olhos daqueles senhores de maneira tão desagradável e repugnante. Seríamos realmente tentados a crer que um Espírito maligno os fascinou, de modo a fazê-los ver tudo pelo avesso, a fim de tornar seu relato mais pitoresco.

Enfim, os membros da Sociedade se reúnem em número de cerca de setenta. Como nas sociedades verdadeiras, também havia secretários. Inicialmente leram um capítulo do Evangelho; depois o protocolo da sessão precedente. Confesso que não havia meio de escutar sem rir as diversas informações. Em Lyon, por exemplo, um Espírito dizia tolices, razão pela qual determinaram a sua exclusão do número dos Espíritos de boa conduta.

Em seguida leram o necrológio do coronel espírita que devia ser evocado durante essa sessão. Antes ele era são-simonista. Allan Kardec disse à Sociedade que lhe faria perguntas sobre as relações do Espiritismo e do são-simonismo. Um dos assistentes quis fazer algumas perguntas, mas o mestre declarou que os outros não deviam *intrrometer-se* naquilo que não fossem solicitados.

Eu esperava sempre que trouxessem o *aparelho* que devia escrever, mas me enganava. Allan Kardec *tocon a campainha* e, na antecâmara, apareceu um rapaz com cara de *larápio*, numa palavra, pronto a dizer de cor, por um quarto de rublo e até mesmo por meia libra, toda sorte de absurdos. Disseram-nos que era um médium.

Aqui já não se trata de simples inexatidões: é o cinismo da injúria e do ultraje. Basta citar tais palavras para os desacreditar. Na França seus autores teriam sido levados aos tribunais. No que respeita a inexatidões, diremos apenas que, desde que a Sociedade existe, *jamaís* houve campainha em seu escritório; por conseguinte, não podíamos tocá-la. Os ouvidos desses senhores tiniram, como seus olhos faiscaram, ao olharem os desenhos e a estatueta de São Luís.

O público, na maioria composto de velhos, era característico; quase metade era de semiloucos. Os jovens, extasiados e desgrenhados, seguiam atentamente os movimentos do médium. Ali havia crentes tão obstinados, que era até um pecado rir deles; não se podia senão lamentá-los.

Parece que mentir é um pecado menor. É verdade que certas pessoas pensam que toda mentira, feita com boas intenções, é desculpável. Ora, para alguns, denegrir o Espiritismo é excelente motivo.

Que respondeu o Espírito? Respondeu pela tagarelice de Allan Kardec, que se pode admirar em suas obras.

O Espírito de que se trata é o do Sr. Bruneau, membro da Sociedade Espírita, antigo aluno da Escola Politécnica e coronel de artilharia, falecido recentemente. Pode-se ver a ata de sua evocação na Revista de dezembro de 1864.

Allan Kardec *propôs evocar uma criança são-simonista.*

Naquele dia havia oito médiuns à mesa, e não um. Como se acabava de evocar o Sr. Bruneau, que tinha sido são-simonista, e que, a respeito, se havia falado desta doutrina, seu antigo chefe, o Pai Enfantin, comunicou-se espontaneamente, e sem ser evocado, por um dos médiuns e participou da discussão. Foi, pois, o *Pai Enfantin* que o fiel narrador tomou por uma criança são-simonista²¹.

Quanto a nós, ficamos tão aborrecidos quanto enojados com o aspecto de toda *essa gente*. Levantamo-nos e fomos embora. Assim terminou nossa visita espírita. A despeito de tudo, não me posso dar conta se é *patifaria ou loucura*. Mas, chega! Paris, 9/21 de novembro de 1864.

O redator do jornal acrescenta:

A pessoa que nos forneceu essas duas cartas interessantes as termina com a seguinte observação: “O relato

21 **N. do T.:** Parece que o missivista, por não compreender bem o francês, confundiu a palavra *enfant* (criança) com *Père Enfantin* (nome próprio).

consciosos da testemunha ocular é muito importante, ainda mesmo que nem tudo explique. É por esta razão que pensamos que o extrato atual não será desprovido de utilidade para as pessoas demasiado crédulas em matéria de comunicação com os Espíritos.”

As reflexões provocadas por fatos desta natureza estão resumidas no artigo seguinte.

Nova Tática dos Adversários do Espiritismo

Jamais uma doutrina filosófica dos tempos modernos causou tanta emoção quanto o Espiritismo e nenhuma foi atacada com tamanha obstinação. É prova evidente de que lhe reconhecem mais vitalidade e raízes mais profundas que nas outras, já que não se toma de uma picareta para arrancar um pé de erva. Longe de se apavorarem, os espíritas devem regozijar-se com isto, pois prova a importância e a verdade da doutrina. Se esta não passasse de uma idéia efêmera e sem consistência, de uma mosca que voa, não a atacariam com tanta violência; se fosse falsa, haveriam de combatê-la com argumentos sólidos, que já teriam triunfado sobre ela. Mas, desde que nenhum dos que lhe opõem foi capaz de detê-la, é que ninguém encontrou o seu calcanhar de Aquiles. Contudo, nem faltaram boa vontade nem talento aos seus antagonistas.

Neste vasto torneio de idéias, onde o passado entra em liça com o futuro, e que tem por campo fechado o mundo inteiro, o grande júri é a opinião pública; ela escuta os prós e os contras, julga o valor dos meios de ataque e de defesa e se pronuncia pelo que dá melhores razões. Se um dos dois campeões emprega armas desleais, é condenado por antecipação. Ora, existirão armas mais desleais que a mentira, a calúnia e a traição? Recorrer a semelhantes meios é confessar-se *vencido pela lógica*; a causa que se reduz a tais expedientes é uma causa perdida; não será um homem, nem alguns

homens que pronunciarão a sua sentença: é a Humanidade, que a força das coisas e a consciência do bem arrastam para o que é mais justo e mais racional.

Vide, na história do mundo, se uma única idéia grande e verdadeira deixou de triunfar, o que quer que tenham feito para entravá-la. A esse respeito o Espiritismo nos apresenta um fato inaudito e sem paralelo: o da rapidez de sua propagação. Essa rapidez é tal que os próprios adversários ficam estupefatos; por isso o atacam com o furor alucinado dos combatentes que perdem o sangue-frio e se deixam ferir por suas próprias armas.

Entretanto, a luta está longe de terminar; ao contrário, é de esperar que tome maiores proporções e um outro caráter. Seria por demais prodigioso e incompatível com o estado atual da Humanidade que uma doutrina, que traz em si o germe de toda uma renovação, se estabelecesse pacificamente em alguns anos. Ainda uma vez, não nos lamentemos; quanto mais rude for a luta, mais estrondoso será o triunfo. Ninguém duvida que o Espiritismo cresceu pela oposição que lhe fizeram; deixemos, pois, essa oposição esgotar os seus recursos: ele crescerá mais ainda quando ela tiver revelado sua própria fraqueza a todos os olhos. O campo de combate do Cristianismo nascente era circunscrito; o do Espiritismo se estende por toda a superfície da Terra. O Cristianismo não pôde ser abafado sob ondas de sangue; cresceu com seus mártires, como a liberdade dos povos, porque era uma verdade. O Espiritismo, que é o Cristianismo apropriado ao desenvolvimento da inteligência e isento dos abusos, crescerá do mesmo modo sob a perseguição, porque ele também é uma verdade.

A força aberta é reconhecida impotente contra a idéia espírita, mesmo nos países onde ela é exercida com toda liberdade; aí está a experiência para o atestar. Comprimindo a idéia num ponto, fazem-na brotar de todos os lados; uma compreensão geral

levaria a uma explosão. Contudo, nossos adversários não renunciaram; enquanto esperam, recorrem a outra tática: a das manobras surdas.

Já tentaram muitas vezes, e o farão ainda, comprometer a doutrina, impelindo-a por uma via perigosa ou ridícula, para a desacreditar. Hoje é semeando a divisão de modo sub-reptício, lançando o pomo de discórdia, na expectativa de fazer germinar a dúvida e a incerteza nos espíritos, provocar o desânimo, verdadeiro ou *simulado* e levar a perturbação moral entre os adeptos. Mas não são adversários confessos que assim agiriam. O Espiritismo, cujos princípios têm tantos pontos de semelhança com os do Cristianismo, também deve ter os seus Judas, para que tenha a glória de sair triunfando dessa nova prova. Por vezes o dinheiro é o argumento que substitui a lógica. Não se viu uma mulher confessar ter recebido 50 francos para simular loucura, depois de haver assistido a uma única reunião espírita?

Não é, pois, sem razão que, na *Revista* de março de 1863, publicamos o artigo sobre os *falsos irmãos*; aquele artigo não agradou a todos; alguns queriam que fôssemos mais claros, que abrissemos os olhos dos outros, apertando-nos a mão em sinal de aprovação como se fôssemos tolos. Mas que importa! Nosso dever é premunir os espíritas sinceros contra as armadilhas que lhes são estendidas. Quanto aos que nos abandonaram, para os quais esses princípios eram muito rigorosos, neste como em vários outros pontos, é que sua simpatia era superficial e não do fundo do coração, não havendo nenhuma razão para nos prendermos a eles. Temos que nos ocupar com coisas mais importantes que a sua boa ou má vontade a nosso respeito. O presente é fugidio; amanhã não existirá mais; para nós nada é; o futuro é tudo, e é para o futuro que trabalhamos. Sabemos que as simpatias verdadeiras nos seguirão; as que estão à mercê de um interesse material não concretizado ou de um amor-próprio insatisfeito, não merecem este nome.

Quem quer que ponha o seu ponto de vista fora da estreita esfera do presente não é mais perturbado pelas mesquinhas intrigas que se agitam à sua volta. É o que nos esforçamos para fazer, e é o que aconselhamos aos que querem ter a paz da alma neste mundo. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. II, nº 15).

Como todas as idéias novas, a idéia espírita não podia deixar de ser explorada por gente que, não tendo alcançado êxito em nada por má conduta ou por incapacidade, estão à espreita do que é novo, na esperança de aí encontrar uma mina mais produtiva e mais fácil; se o sucesso não corresponde à sua expectativa, não o atribuem a si mesmos, mas à coisa, que declaram má. Tais pessoas só têm de espíritas o nome. Melhor do que ninguém, pudemos ver essa manobra, tendo sido muitas vezes o alvo dessas explorações, às quais não quisemos dar a mão, o que não nos valeu amigos.

Voltemos ao nosso assunto. O Espiritismo, repetimos, ainda tem de passar por rudes provas e é aí que Deus reconhecerá seus verdadeiros servidores, por sua coragem, firmeza e perseverança. Os que se deixarem abalar pelo medo ou por uma decepção são como esses soldados, que só têm coragem nos tempos de paz e recuam ao primeiro tiro. Entretanto, a maior prova não será a perseguição, mas o conflito das idéias que será suscitado, com cujo auxílio esperam romper a falange dos adeptos e a imponente unidade que se faz na doutrina.

Esse conflito, embora provocado com má intenção, venha dos homens ou dos Espíritos maus, é, contudo, necessário e, ainda que causasse uma perturbação momentânea em algumas consciências fracas, terá por resultado definitivo a consolidação da unidade. Como em todas as coisas, não se deve julgar os pontos isolados, mas ver o conjunto. É útil que todas as idéias, mesmo as mais contraditórias e as mais excêntricas, venham à luz; provocam o exame e o julgamento, e, se forem falsas, o bom-senso lhes fará justiça. Cairão forçosamente ante a prova decisiva do controle

universal, como já caíram tantas outras. Foi esse grande critério que fez a unidade atual; será ele que a concluirá, porque é o crivo que deve separar o bom do mau grão, e a verdade brilhará mais quando sair do crisol isenta de todas as escórias. O Espiritismo ainda está em ebulição; deixemos, pois, que a espuma suba à superfície e se derrame: ele apenas ficará mais depurado. Deixemos aos adversários a alegria maligna e pueril de soprar o fogo para provocar essa ebulição, porque, sem o querer, eles apressam a sua depuração e o seu triunfo e eles próprios se queimarão no fogo que acendem. Deus quer que tudo seja útil à causa, mesmo aquilo que é feito com a intenção de prejudicá-la.

Não esqueçamos que o Espiritismo não está acabado; ainda não fez senão fincar balizas. Mas, para avançar com segurança, deve fazê-lo gradualmente, à medida que o terreno estiver preparado para o receber, e bastante consolidado para nele pôr o pé com segurança. Os impacientes, que não sabem esperar o momento propício, comprometem a colheita como comprometem a sorte das batalhas.

Entre os impacientes, sem dúvida alguns há de muito boa-fé e que gostariam que as coisas andassem ainda mais depressa; assemelham-se a essas criaturas que julgam adiantar o tempo adiantando o relógio. Outros, não menos sinceros, são impelidos pelo amor-próprio a serem os primeiros a chegar; semeiam antes da estação e apenas colhem frutos malogrados. Infelizmente, ao lado destes existem outros que empurram o carro a mil por hora, na esperança de vê-lo tombar.

Compreende-se que certos indivíduos, que queriam ter sido os primeiros, nos censurem por termos ido rápido demais; que outros, por motivos contrários, nos reprochem por termos ido muito devagar; mas o que é menos explicável é, por vezes, ver essa dupla censura feita pelo mesmo indivíduo, o que não é dar prova de muita lógica. Quer sejamos aguilhoados por ir à direita ou à

esquerda, nem por isso deixaremos de seguir, como temos feito até agora, a linha que nos foi traçada, na ponta da qual está o objetivo que queremos alcançar. Iremos para frente ou esperaremos, apressaremos o passo ou nos retardaremos, conforme as circunstâncias, e não segundo a opinião deste ou daquele.

O Espiritismo marcha em meio a adversários numerosos que, não o tendo podido tomar à força, tentam tomá-lo pela astúcia; insinuam-se por toda parte, sob todas as máscaras e até nas reuniões íntimas, na esperança de aí surpreender um fato ou uma palavra que muitas vezes terão provocado, e que esperam explorar em seu proveito. Comprometer o Espiritismo e torná-lo ridículo, tal é a tática, com o auxílio da qual esperam desacreditá-lo a princípio, para mais tarde terem um pretexto para mandar interditar, se possível, o seu exercício público. É a armadilha contra a qual devemos nos precaver, porque é estendida de todos os lados, e na qual, sem o querer, são apanhados os que se deixam levar pelas sugestões dos Espíritos enganadores e mistificadores.

O meio de frustrar essas maquinações é seguir o mais exatamente possível a linha de conduta traçada pela doutrina; sua moral, que é a sua parte essencial, é inatacável, não se dá ensejo a nenhuma crítica fundada e a agressão se torna mais odiosa. Achar os espíritas em falta e em contradição com seus princípios seria uma boa sorte para os seus adversários; assim, vede como se empenham em acusar o Espiritismo de todas as aberrações e de todas as excentricidades pelas quais não poderia ser responsável. A doutrina não é ambígua em nenhuma de suas partes; é clara, precisa, categórica nos mínimos detalhes; só a ignorância e a má-fé podem enganar-se sobre o que ela aprova ou condena. É, pois, um dever de todos os espíritas sinceros e devotados repudiar e desaprovar abertamente, em seu nome, os abusos de todo gênero que pudessem comprometê-la, a fim de não lhes assumir a responsabilidade. Pactuar com os abusos seria acumpliar-se com eles e fornecer armas aos adversários.

Os períodos de transição são sempre difíceis de passar. O Espiritismo está nesse período; atravessa-o com tanto menos dificuldade quanto mais os seus adeptos forem prudentes. Estamos em guerra; lá está o inimigo a espiar, prestes a explorar o menor passo em falso em seu proveito, e disposto a meter o pé na lama, se o puder.

Contudo, não nos apressemos em lançar pedras e suspeições com muita leviandade, sobre aparências que poderiam ser enganosas; a caridade, aliás, faz da moderação um dever, mesmo para os que estão contra nós. A sinceridade, todavia, mesmo em seus erros, tem atitudes de franqueza com as quais não é possível equivocar-se, e que a falsidade jamais simulará completamente, porquanto, mais cedo ou mais tarde, deixa cair a máscara. Deus e os Espíritos bons permitem que ela se traia por seus próprios atos. Se uma dúvida atravessa o Espírito, deve ser apenas um motivo para se guardar reserva, o que pode ser feito sem faltar às conveniências.

Variedades

CARTA DE DANTE AO SR. THIERS

Sob esse título lê-se no *Charivari* de 20 de maio de 1865:

Florença, 20 de maio de 1865.

“Senhor e caro confrade,

“Eu não podia ficar indiferente às festividades que iam celebrar em minha honra e, tendo minha sombra pedido e obtido licença de oito dias, venho assistir à inauguração do monumento que me é consagrado. É, pois, de Florença que vos dirijo esta carta, ainda sob a emoção que me causou a cerimônia que acabo de

testemunhar. Se tomo esta liberdade, senhor e caro confrade, é porque julgo estar em condição de vos fornecer informações que vos serão de alguma utilidade.

“Não obstante morto há cinco séculos, não deixei de continuar a seguir com a mesma atenção e o mesmo patriotismo a marcha dos acontecimentos que interessam ao futuro da Itália. Sabeis tão bem quanto eu de quantas vicissitudes tenho sido testemunha; também podeis fazer uma idéia de quantas dores meu coração foi assoberbado..”

(Seguem-se longas reflexões sobre os negócios da Itália e as opiniões do Sr. Thiers. Não as reproduzimos pelo duplo motivo de que são estranhas ao nosso assunto e porque a política está fora dos planos deste jornal. A carta termina assim:)

“Se, pois, como me afirmaram, em breve deveis empreender viagem à Itália, tende a bondade de passar por Florença e vir conversar alguns instantes com minha estátua. Ela terá coisas muito interessantes a vos dizer.

“Com esta esperança, senhor e caro confrade, rogo aceiteis a certeza de..., etc.”

Dante Alighieri

Por cópia, conforme Pierre Véron

A julgar pelos artigos que o *Charivari* publicou mais de uma vez sobre o assunto, duvidamos muito que o Sr. Pierre Véron seja simpático à idéia espírita. Assim, não se deve ver nessa carta mais que um simples produto da imaginação apropriado à circunstância, a menos que o Espírito Dante tenha vindo ditá-la à revelia do autor. Ela é muito espirituosa para que ele não a desaprove, mas só deve ser apreciada em seu conjunto, porque perde muito se for fracionada.

Era um pensamento engenhoso fazer intervir, mesmo ficticiamente, o Espírito Dante nessa ocasião. Salvo alguns pequenos detalhes, um espírita não teria falado de outro modo. Para nós não é duvidoso que Dante, a menos que tenha reencarnado, pudesse ter assistido a essa imponente manifestação, atraído pela poderosa evocação de todo um povo irmanado num mesmo pensamento. Se, naquele momento, o véu que oculta o mundo espiritual aos olhos dos encarnados pudesse ser levantado, que imenso cortejo de grandes homens teria sido visto planando no espaço e misturado à multidão para aplaudir a regeneração da Itália! Que belo assunto para um pintor ou um poeta inspirado pela fé espírita!

Allan Kardec